

Economia - Brasil

Decepção geral

VICENTE NUNES E
LUÍS OSVALDO GROSSMANN
DA EQUIPE DO CORREIO

Desde que começou, oficialmente, sua campanha à reeleição, o presidente Lula se fiou por completo nos bons resultados da economia para derrotar os adversários. Mas ontem a economia lhe deu um grande revés. O Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todas as riquezas produzidas pelo país, cresceu apenas 0,5% no segundo trimestre quando comparado aos três primeiros meses do ano, praticamente enterrando as possibilidades de o crescimento acumulado em 2006 chegar aos 4%.

A pífia expansão do PIB ficou no piso das previsões do mercado e decorreu, principalmente, do tombo da indústria. Entre abril e junho, a produção encolheu 0,3% frente aos três meses anteriores. O resultado do PIB no segundo trimestre só não foi pior porque o

consumo das famílias, sustentado pelo aumento da renda e do crédito, e os gastos eleitorais do governo foram positivos. Cresceram, respectivamente, 1,2% e 0,8%.

A fragilidade do crescimento econômico foi explicitada por todos os indicadores divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), órgão vinculado ao Ministério do Planejamento. No acumulado do primeiro semestre, o PIB aumentou 2,2% ante os 3,4% cravados no mesmo período. Nos 12 meses terminados em junho deste ano, o PIB cresceu apenas 1,7%, depois de apresentar expansão de 4,4% nos 12 meses encerrados em junho do ano passado. "É visível que o ritmo de crescimento diminuiu", disse a economista Cláudia Dionísio, da Gerência de Contas Nacionais do IBGE. Para reforçar sua avaliação, ela destrinchou os dados da indústria. "Em todos os setores, o desempenho no segundo trimestre foi inferior ao registrado nos primeiros

três meses do ano", afirmou.

A construção civil, que havia crescido 7% entre janeiro e março, teve expansão de 2,6% no trimestre seguinte. No setor extrativo mineral, o recuo de um período para o outro foi ainda maior: de 12,6%

para 1,5%. Isso não foi o pior. Muitos segmentos da indústria apontaram queda da produção, entre eles, o de madeira e mobiliários, têxtil e calçados, químicos, siderúrgicos e o de abate de animais.

No entender da economista do IBGE, dois fatores foram decisivos para esse quadro tão frustrante: a valorização do real frente ao dólar e a Copa do Mundo, que afetou, sobretudo, o mês de junho, quando a indústria encolheu 1,7%. Com a produção em baixa, os investimentos encolheram 2,2% no segundo trimestre.

Efeito do câmbio

Os estragos feitos pelo câmbio, por sinal, foram enormes no resultado do PIB do segundo trimestre, destacou Eduardo Velho, economista-chefe da Mandarin Gestão de Recursos. Com o dólar em baixa,

muitas empresas deixaram de exportar. Pelas contas do IBGE, as exportações caíram 5,1% no período. Foi a primeira queda depois de 12 trimestres consecutivos de expansão. Por outro

lado, a indústria também deixou de produzir por causa das importações, especialmente as vindas da China, com preços desleais. "Diante desse quadro, houve uma drástica mudança na composição do PIB", ressaltou Elson Teles, economista-chefe da Corretora Concórdia. "A partir de agora, as exportações deixam de contribuir para o

crescimento do PIB, que será sustentado basicamente pela demanda interna", frisou.

A grande dúvida, acrescentou Zeina Latif, economista do Banco Real ABN Amro, é saber até que ponto o aumento da renda será suficiente para sustentar o consumo. Entre abril e junho, a massa salarial registrou crescimento real de 6,8%, influenciada pela forte queda da inflação. As famílias ainda puderam reforçar o poder de compra com a maior oferta de crédito. Nesses três meses, os empréstimos a pessoas físicas se ampliaram em 31,8% ante o acumulado entre janeiro e março. Segundo Cláudia Dionísio, do IBGE, o consumo das famílias está crescendo há 12 trimestres consecutivos, quando se compara o trimestre com os três meses anteriores, e há 11 trimestres, quando se compara com os mesmos períodos do ano anterior. "Vamos ver como a redução dos juros vai repercutir na renda das famílias. Isso será

fundamental para manter o consumo em alta", disse Zeina.

Nem tudo, porém, foi ruim no PIB. Apesar da alardeada crise na qual está mergulhada, a agricultura apontou crescimento de 0,8% no segundo trimestre. Esse desempenho foi puxado basicamente pelas safras de café, com incremento de 18,8%, e de soja, com 2,9%. Mas poderia ter sido melhor não fossem as quedas na produção de algodão (-23,2%) e de arroz (-12,4%). No setor de serviços, também o saldo foi positivo, com aumento de 0,6%. Tal resultado, porém, acabou sendo prejudicado pelas comunicações, que registraram queda de 3% — o pior saldo desde o início da série do IBGE, em 1992. O setor de comunicações sentiu o impacto do esgotamento da telefonia celular. Até o primeiro trimestre, os telefones móveis compensavam o recuo da telefonia fixa. De abril para cá, porém, isso já não aconteceu mais, informou Cláudia Dionísio.

NO SEMESTRE
2,2%

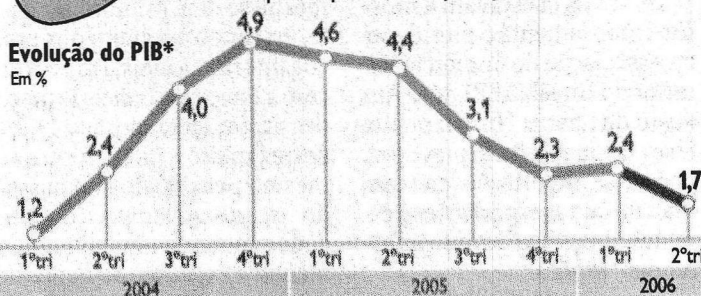
foi o crescimento do
PIB nos primeiros
seis meses do ano

NADA A COMEMORAR

Ritmo de crescimento da economia brasileira está cada vez menor. Nem mesmo o consumo maior das famílias e os investimentos produtivos têm sido suficientes para alavancar a soma das riquezas produzidas pelo país

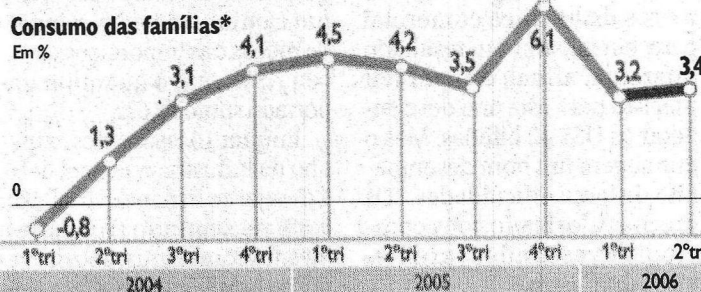
Evolução do PIB*

Em %



Consumo das famílias*

Em %



* Últimos quatro trimestres comparados com os quatro trimestres imediatamente anteriores
Fonte: IBGE

Editoria de Arte/CB